

Agenda Libertária



Sumário

Introdução	3
O Ser e a Realidade	5
O mundo que herdamos	8
O direito de discordar	10
Deixemos que o desejo alimente a esperança	13
A face oculta do progresso	17
Agenda para viver de outra maneira	20

Ficha Bibliográfica

N
316.323
N973 Nuñez Soto, Orlando, 1948-
Agenda Libertária. Rio de Janeiro: PACS,
2001.
48p. (Semeando Socioeconomia, 5).

1. Sociedade. 2. Economia. 3. Filosofia.
4. Gênero. I. Autor. II. Título.

Ficha Técnica:

PACS - Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul
Rua Joaquim Silva, 56 - 8º andar Lapa
Rio de Janeiro, RJ. 20241-110
Tefax.: (2xx21) 2252-0366
C.Eletrônico: adm@pacs.org.br
Sítio Polo de Socioeconomia Solidária: www.socioeco.org

Série: Semeando Socioeconomia
Nº 5 - Agenda Libertária

Equipe Técnica:

Marcos Arruda, Sandra Quintela, Ruth Espínola Soriano
e Robson Patrocínio

Autor:

Orlando Núñez S.

Tradução para português:

Elena Pires Ferreira

Projeto Gráfico:

Gabriela Caspary Corrêa

Ilustrações:

André Brito

Apoio:

Fundação Ford
Fundação para o Progresso Humano
Christian Aid
Trocaire

Introdução

"Agenda Libertária" o título é bastante sugestivo. O texto mais ainda!

O autor, o nicaragüense Orlando Núñez, sociólogo e doutor em economia política pela Universidade de Paris, elaborou-o a partir de uma série de debates com estudantes, camponeses, trabalhadores autônomos, sindicalistas, etc. e nos brinda com uma desafiante agenda para vivermos de outra maneira; tal qual o intuito desta série e da própria socioeconomia solidária.

As questões colocadas de maneira poética e radical nos inspiram a pensar onde estamos e para onde queremos ir. A agenda foi escrita no fim do século passado. Está sendo publicada no Brasil no segundo ano do século XXI, após o 11 de setembro de 2001. Pensamos que é o tempo certo, pois, parece que após essa data os desafios são, todavia, maiores. Urge refletir ainda mais profundamente sobre nossas práticas e formas de como construir uma sociedade libertária; o de como se desprender da herança patriarcal; do grande bazar que virou o mundo; de relações

instrumentalizadas pelos interesses materiais, políticos imediatos.

Já não é suficiente fazermos bem o que está posto na agenda política progressista. A mudança é de paradigmas! Eis o eixo que devemos ter para o debate, para a ação política e para o trabalho de transformação pessoal. Que paradigmas são esses? Que eixo é esse? Vocês não vão encontrar respostas, fórmulas prontas nesta instigante publicação. Encontrarão sim, pistas, indicações, reflexões sobre o mundo que herdamos e, principalmente, na última seção desta publicação uma AGENDA PARA VIVER DE OUTRA MANEIRA, Certamente ela irá inspirá-l@s a - cotidianamente - construir e renovar esses paradigmas.

La lucha continúa!

Sandra Quintela, janeiro de 2002

A tradição libertária anticapitalista e antiburocrática esteve presente nos momentos de crise e de transformação ao longo do século recém-terminado. Junto com a política, entendida como gestão do interesse comum, aquela tradição levantou a bandeira da ética, entendida como ação solidária, e cultivou a estética, entendida como a expressão sensível dos sentimentos e o gozo das expectativas. A militância social das gerações libertárias foi praticada alternando com a música, o humor e o amor, levando assim a revolução ao âmbito da vida cotidiana. Seja esta Agenda uma homenagem a sua tradição e um voto a sua permanência em nossas vidas.

Nicarágua, fim do século

O Ser e a Realidade



Em seu infinito movimento, o universo cria a si mesmo e criou, em seu percurso no tempo e no espaço, a consciência de sua própria evolução: o ser humano. Assim sendo, o que chamamos de consciência só poderia ser a expressão, processada pelo ser humano, da criação do universo à imagem e semelhança de si mesmo e em cada momento de sua existência.

Você e eu, nós, vocês, eles e elas, nosso trabalho, nossa percepção, nossa linguagem, nossos sentimentos e nossas ações, somos o ser de nossa existência. Nossas relações e o mundo que lhes serve de cenário constituem a realidade à qual nós também pertencemos: matéria-prima e companheira inseparável para desfrutar e sofrer a nossa existência.

A cada dia, em cada século e em cada milênio, o ser se defronta com a realidade que o cerca, pronto a enriquecer a si mesmo enriquecendo-a, ou impotente e subordinado à petrificação de seu ponto de chegada nesta longa viagem planetária. Este último parece ser o signo do século que se apaga e do seguinte que apenas se atreve a nos mostrar algumas centelhas de seus próximos incêndios.

Em cada geração encontramos seres dominados e amargurados pelos pecados das gerações anteriores, nos martelando os ouvidos com as preces do fim do mundo, da história ou das esperanças, chamando-nos ao arrependimento pela insensatez de nossos antepassados: Adão e Eva, Sodoma e Gomorra, o mundo Dionisíaco ou carnavalesco, os jogos proibidos de crianças e adolescentes, as ingênuas utopias e as insurreições sangrentas, as emancipações temerárias e as aventuras perdidas, os intercâmbios inúteis e o desperdício dos carnavais.

Novos pastores e novos filósofos, inventando novas linguagens empenham-se em sufocar os antigos e teimosos impulsos libertários das novas gerações, clamando aos gritos ou em silêncio as fórmulas restauradoras e a obediência cega às instituições herdadas: a família patriarcal, o individualismo possessivo, a competição e o lucro, a ansiedade consumista, a

domesticação escolar, a erudição especializada, a democracia liberal, a economia de mercado, a dominação individual e a subordinação social, a incomunicação urbanística e a comunicação alcoolizada, a arte suicida e a solidão deprimida, a pós-modernidade filosófica e a amargura literária, as religiões solteiras e os partidos passivos, enfim, o mundo dos eleitos e o mundo dos marginalizados, dentro de uma sociedade onde todos vivemos condicionados.

Em cada momento de sua jornada o ser se ilude com o brinquedo herdado, pretendendo que ele seja eterno, sem se dar conta de que tal descuido o transforma em um renegado que resiste em continuar acomodado como está à servidão ou à prisão que lhe serve de lar.

Os outros mandamentos de uma realidade entronizada¹ são os preconceitos contra as outras pessoas e nossos complexos individuais, a segurança do dogma que orienta nossa conduta, a insegurança travestida de vaidade e de soberba, a megalomania disfarçada de erudição, a censura que disciplina o desejo insatisfeito, o ciúme possessivo ou a imagem culpada diante do cônjuge, o medo da emancipação e o horror ao desencanto, os lares fabris encarregados de reproduzir soldados, trabalhadores e valores para um sistema que a todos devora e engole, enfim, o vazio lacerante da emoção reprimida .

O nível mais externo da realidade cidadã nos obriga a sobreviver em cidades muradas e casas gradeadas, em ruas sem calçadas e pedestres sem proteção, em bairros sem parques e praças sem diversão, sufocados em transportes que andam à velocidade da violência e da poluição, amontoados em quartos promíscuos onde o barulho se alterna com o rádio e a televisão, sofrendo as conseqüências de leis e dispositivos que administram a injustiça, a fraude e a corrupção, impotentes diante uma impunidade revestida de imunidade, nos auto-explorando com horários prolongados e direitos diminuídos, enfim, todos os dias empenhados e todos os dias decepcionados, sem poder nem sequer imaginar que poderíamos viver de outra maneira.

O mundo que herdamos



Quando o ser se asfixia, as lembranças boas e a autonomia da memória o levam a tratar com despeito uma realidade que não reconhece como sendo sua. Não importa quanto tempo aquela realidade tenha sobrevivido e quanto dano tenha causado.

Neste momento, a família continua sendo a célula de maior coesão entre todos os tecidos sociais, mas ao mesmo tempo também a molécula mais egoísta entre

aqueles coletivos de natureza afetiva (etnia, religião, nação) que competem pela felicidade de seus membros, evitando o olhar além de suas paredes e corações. Enquanto isso, o amor que tudo gera e multiplica, se nega, após uma lua-de-mel, a seguir colaborando e empreende vôo à medida que a rotina cotidiana corrrompe os amantes e o lar se transforma em empresa reprodutiva.

O mundo se transformou em um Grande Bazar onde religiões e ideologias, filosofias e discursos, imagens e valores, desejos e projetos são vendidos, mas felizmente para nós e lamentavelmente para seus negociantes, cada vez a vontade e o dinheiro para comprar tanta mentira diminuem mais. Deixemos então que seus artesãos e publicistas consumam sua própria mercadoria e continuem provando o sabor de seu fracasso.

A fome e a peste, a guerra e a morte, multiplicam apocalipticamente seus cadáveres e a competição dos defuntos acelera o crescimento e democratiza a carniça. Felicidades! Aí nós permitimos de fato que o vírus da degeneração ganhe o jogo e povoe os campos e jardins, aqueles mesmos que hoje transformamos em túmulos e desertos. A religião e a moral, a política e a ciência, a indústria e o mercado nasceram como espaços e artefatos humanos para gerar o bem comum em benefício de um bem individual generalizado. Com o passar do tempo, a civilização competitiva e patriarcal os transformou em administradores privados da força e da riqueza, desta vez em benefício do poder e do capital.

O crescimento incessante aborta o bem estar e o consumo tardio devora a reprodução da vida. Para que o Produto Interno Bruto (PIB) cresça, o crescimento sustentado da produção e do lucro tira o pão da boca de cada criatura recém-nascida. A crise recorrente de legitimidade, governabilidade e desequilíbrio finan-

ceiro, os problemas gerados pelo crescimento e pela concentração excludentes, mas sobretudo a crise de identidade que aflige as velhas gerações desgastam dia após dia as reservas materiais e ideológicas da ordem herdada e asfixiam sua própria reprodução.

Tanta utopia ensaiada e tanta coragem esbanjada não merecem ser lembradas se o Ter, o Tomar e o Poder continuam sendo a bússola de nossos instintos e a ética dos civilizados. Tanta paz e tanta tranqüilidade não merecem ser reproduzidas se as vítimas perderam o direito de lutar pela erradicação de seus carrascos.

O direito de discordar



Até agora o ser foi um macho enjaulado ou um violador violento que, pretendendo impregnar a realidade com sua morfina multiplicadora, acabou por subordinar a humanidade inteira. Seduzir não tem sido seu ofício nem sua virtude, tampouco o gênero masculino de tantos deuses a seu favor conseguiu melhorar seu comportamento. Terá que ser a mulher das próximas gerações

quem que nos ajudará a discordar da realidade patriarcal. Uma mulher com rosto de criança indígena, de marginalizado sem terra, de trabalhador sem emprego, de povoados saqueados e culturas arrasadas.

Discordar da realidade herdada é nos emanciparmos de nós mesmos e nos entrosar com o espaço e o tempo

que esperam servir de barro para construir e escalar outros momentos de uma nova realidade. Discordar é ser fiel ao mandamento primitivo de continuar a dança libertária da existência navegando entre ritmos musicais, grávidos de assombro e de novas sensações.

Aos meninos e meninas, nosso sorriso para que contagem com a sua brincadeira a atitude de cada habitante da terra, transformando a competição em turnos de fantasia para viver de outra maneira. Meninos e meninas que viverão grande parte de sua infância comendo, bebendo e dormindo nas escolas de sua comunidade, brincando, estudando e trabalhando com suas mãos e sua imaginação.

Às mulheres, nossa confiança para derrotar o reino do capricho fálico² e para fazer com que a ternura se filtre por entre todas as pernas, humanizando nossa espécie. Mulheres que decidirão sobre seu corpo, gerando ou abortando, em consenso com seu amante, a vida de suas entranhas; mulheres que registrarão na lista de seus direitos, o direito ao orgasmo compartilhado.

Aos jovens, nossa esperança para que construam em cada bairro uma casa para encontros, usufruindo por um tempo de um idílio³ sem projeto e de mil poses sem censura, uma relação sem hábito, um amor sem violência, entregando à sua comunidade a energia exce-

dente para construir lares coletivos onde a adolescência desfrutará a infância da nova humanidade.

Aos trabalhadores, o poder e a sabedoria para que os valores de troca se transmutem em valores de uso, através da gestão democrática das empresas. A cada geração, o compromisso de redistribuir a terra e a riqueza evitando sua concentração.

À arquitetura, a visão para desenhar a transformação dessas celas urbanas onde hoje as colméias familiares se reproduzem sem sabor convertendo-as em espaços abertos de convivência jovial. À ecologia, o ânimo para rejunta a biodiversidade e encher de frutas e flores a terra perfurada pelas máquinas do produtivismo lucrativo. Aos poetas, a sensibilidade para incinerar o veneno que impede o prazer e a glória.

Aos professores e estudantes, a responsabilidade de discutir e propor soluções para os problemas da realidade que afligem seus contemporâneos. Aos jornalistas, intelectuais e artistas, a coragem para informar e desmascarar, democratizar o debate e cultivar a inteligência emocional.

Aos policiais, o trabalho remunerado pelos impostos de cada comunidade, para registrar o surgimento das novas relações, para informar sobre o andamento

2 - fálico: representação gráfica do pênis adorado por antigos como símbolo da fecundidade da natureza.

3 - idílio: amor poético; suave, entretenimento amoroso, galanteio.

das novas situações, para velar pelo respeito dos novos cidadãos.

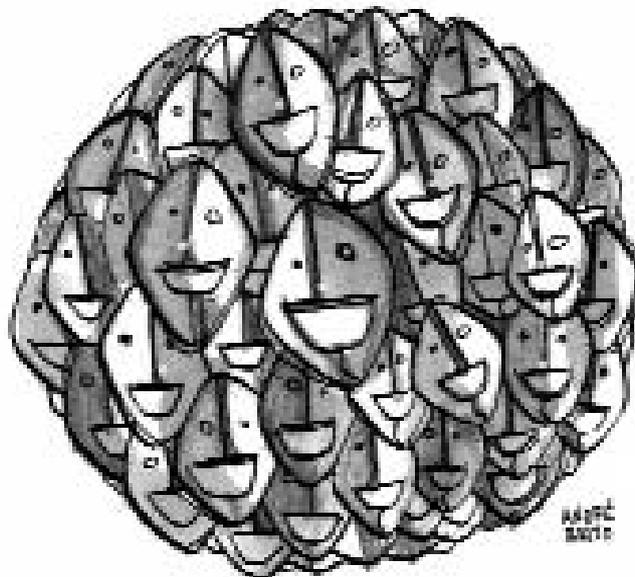
Você e eu podemos dar início à estocada final e à celebração, preparando com os demais companheiros a última tragédia da primeira comédia: a agonia, o funeral e o sepultamento da civilização dominante, repressiva, alienante, depredadora, espoliadora da vida e de seus amantes. Começemos, então, este diálogo, sem reservas nem vergonha, sem mentir para nós mesmos nem nos culpar, sem nos ferir nem aborrecer, aceitando perder a razão mas não a calma, a pele mas não a dignidade, o corpo mas não a alma, a paixão mas não o carinho, as bandeiras compartilhadas mas não a amizade, a juventude mas não o entusiasmo, a vida de fato é necessária, mas não a calamidade de desertar dos ideais que amenizaram a festa para a qual todos e todas fomos convidados.

Não importa que nos julguem ou nos condenem à morte como dissidentes empedernidos⁴ da ordem, do progresso e do desenvolvimento, que enterraram tantos guerreiros; superemos o medo e empreendamos a mãe de todas as batalhas: a guerra sem quartel contra o passado que alimenta o inconsciente de nossas debilidades; revisemos nossos velhos e retorcidos discursos até perdê-los de vista; reneguemos os símbolos inumanos, até seu desconhecimento total. Vamos, pois, celebrar nossa última jornada contra a apatia herdada e o egoísmo ferrenho, contra a insensível

impotência de chorar pela infelicidade ou regozijar-se pela felicidade de um sentimento alheio, sem temor de confessar perante quem quiser saber que a luta diante do poder será uma luta sem quartel contra toda forma de poder.

4 - empedernidos: petrificados, endurecido.

Deixemos que o desejo alimente a esperança



Abandonar o debate e a ação política é refugiar-se na atomização do mercado e entregar às cúpulas religiosas, políticas ou intelectuais o patrimônio do trabalho comum e das iniciativas sociais. Aí, de fato, eles deixam que a doutrina se transforme em dogma nas mãos da igreja, que os aparatos políticos transformem as velhas ideologias em respostas de seus

ideais, que sua crítica inconseqüente nos aborreça ao extremo; mas não deixemos que as próximas ilusões dividam o nosso coração. Não comecemos, portanto, nem você nem eu, a nos render tão cedo; a velha toupeira não parou de arar o futuro e, em cada geração, a brincadeira e a música, a festa e a amizade, a poesia e o amor, a arte e a paixão continuam em eter-

na confrontação, encontrando muitas outras razões para viver de outra maneira.

Como nos velhos tempos da humanidade, a identidade de cada nova geração se bate na busca, na criação e no exercício do impulso primitivo de emancipação: energia sem conteúdo formado, informação que se arrasta comendo as migalhas de heranças ancestrais, formas de adaptação disseminadas ao sabor das sucessivas complexidades. Não poderemos nos abstrair; todos estamos envolvidos: a civilização, o sistema e os regimes aguardam a estocada final. Agucemos, então, aquele modo festivo de pensar, sentir ou trabalhar e bailemos ao som da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Reabilitemos os vínculos afetivos, sejamos sérios sem hipocrisia e empreendamos o mandamento eterno de mudar, nos livrando do peso institucional que nos oprime. Desencadeemos de novo o entusiasmo e vamos tentar a sorte no combate; logo veremos quem sairá ileso das próximas batalhas: nós, ou as instituições.

As tarefas prioritárias de um projeto alternativo ao mercado capitalista, ao monopólio do poder e ao machismo mantêm ainda a inércia dos velhos valores e dos velhos objetivos. A democracia política iniciada com a Revolução Francesa no século XVIII, hoje é uma democracia para destruir a corrupção governamental, o oportunismo dos aparatos políticos, o cinismo das igrejas, enfim, a frase alugada da filosofia que

coloca a linguagem antes do silêncio da vida. Hoje em dia, a teimosa democracia política se envergonha de suas velhas infantilidades e se enriquece com a nova democracia cotidiana no interior da família e das relações pessoais. Tampouco a insolente e, para muitos, incômoda democracia econômica, iniciada com as revoluções socialistas do século passado, perdeu força ou energia, a qual, abandonando os aparatos caducos da burocracia senil ensaia, ainda que timidamente, o empoderamento dos trabalhadores e de suas organizações econômicas, fazendo o seu caminho através de cada elo do circuito econômico e empenhando-se na captura do excedente que lhe escapa através do mercado.

E para aqueles que ainda sentem necessidade de prolongar eternamente sua existência e que desejam gozar em vida o sabor doce e amargo da transcendência, os convidemos a provar, como nas gerações primitivas, a gratificação espiritual através da relação afetiva com o outro e os demais, tal como fizeram nossos antepassados com a comunhão, a amizade, a simpatia, a ternura, o respeito e a devoção, enfim, a convivência comunitária que conduz a nosso favor o prazer e a dor, a alegria e a tristeza, a luta e a reconciliação.

Qualquer programa de ação que se queira fazer deveria levar em consideração as experiências acumuladas dos velhos combatentes em sua longa bata-

lha, suas contradições externas e suas fraquezas internas; e sem deixar-se impressionar pelos arrependidos de sempre ou pelas reformas restauradoras dos velhos renegados.

Os esforços revolucionários do século passado, baseados no poder dos aparatos, foram recuperados pela cultura patriarcal, burguesa, burocrática, desenvolvimentista e etnocêntrica, mas foram também abortados por não reciclar a tempo sua própria degeneração. O controle social na União Soviética, a autogestão na Iugoslávia, ou o sindicalismo social-democrata na Europa foram derrotados ou neutralizados pelo mercado capitalista mundial, pelo burocratismo excludente e pela discriminação étnico-cultural, mas também pelo medo e por comodidade pessoal de muitos de seus dirigentes.

Sabemos que as novas revoluções serão cada vez mais difíceis; umas com novas agendas, outras com agendas desconhecidas e algumas sem agenda; a cada dia que passa as bandeiras serão mais abundantes e os revolucionários mais escassos. As emancipações serão cada vez mais complexas, mas cada vez mais integrais e terão que conquistar o direito de transitar pela história descendo de seus pedestais políticos e incorporando-se à vida cotidiana.

Uma infinidade de valores que as revoluções anteriores não puderam agendar no seu devido tempo, encontram-se hoje nos arquivos da cultura subversiva dos povos. Sobressai em primeiro lugar, escolhida por seu impacto e sua promessa, a rebelião do corpo, especialmente o feminino, contra seus carrascos de sempre. Marcando o passo encontra-se a música ou a aceleração do movimento rítmico, sacudindo as reservas neurocerebrais, confinadas nas memórias primárias de festas e bacanais. Longos dias e longas noites de festa onde, junto com a pólvora da guerra, também brilharam os fogos artificiais.

Sem competir com a política nem distrair-se com o trabalho, a beleza esteve igualmente presente, sem outro sentido que o do gozo reservado à reprodução da alegria. Objeto hoje de incursões subversivas com a intenção de provocar a afloração de velhas e amenas reminiscências⁵ ou a seduzir apetites clandestinos, capazes de contagiar as almas mais recatadas com sua força e sensualidade, essa mesma beleza mantém em sua memória a marca legendária de suas mais proibidas maneiras de viver.

Todas estas manifestações que desafiam a ordem carregam o selo do ócio⁶ que desterra o produtivismo utilitário, do prazer que disputa com os pecados capi-

5 - reminiscências: aquilo que se conserva na memória; lembrança vaga.

6 - ócio: 1) descanso do trabalho, folga, repouso; 2) tempo que se passa desocupado, lazer; 3) preguiça, moleza; 4) trabalho mental ou ocupação suave.

tais, da luz que desafia o conteúdo das sombras, dos sons que reproduzem os movimentos caóticos, da confiança entre corpos que não conhecem outro código a não ser a melodia compartilhada.

Esperemos que estes âmbitos, o social (político e econômico) e o lúdico (festivo e sensual), se aproximem um pouco mais e consigam em seu nobre afã⁷ emancipatório completar no outro os vazios involuntários ou temerosos de suas próprias limitações. Se a arte perdeu a inspiração para ser esperança de felicidade, que não seja nostalgia de um mundo morto que não tem porquê carregar. Se a coruja perdeu a força para continuar tentando voar, que não impeça que as gaivotas possam voar em bando. Se a ejaculação viril nos deixou o vazio, não deixemos que o prazer esqueça o erotismo de seus doces anos de mocidade.

A face oculta do progresso



Na verdade, ninguém tem obrigação de utilizar esta agenda nem de repetir este decálogo; sua pretensão é apenas suscitar o debate. Se alguém quer divertir-se criticando cada item, seja bem-vindo, sempre e quando o fizer com bom humor, sem envenenar a alma e perder a compostura.

1. O ódio do macho envenena a vida cotidiana

Todos e todas carregamos um lastro cultural que se

entranhou nos principais valores e em todas as instituições do poder estabelecido, começando pela monogamia patriarcal, lugar onde o pai faz e desfaz do coração e das tripas da mulher e da prole, e termina na moral da culpa e no sacrifício subordinado. Não somos contra a família, mas preocupados com essa escola de pequenos ditadores treinados na violação e na impunidade, na castração e no ressentimento, exatamente onde o amor bebe na fonte do domínio e da subordinação.

2. A política transformou-se no monopólio do poder, a economia no monopólio dos recursos e a cultura no monopólio do conhecimento

O burocrata monopoliza o cargo, o macho monopoliza o prazer, o intelectual monopoliza os símbolos, o empresário monopoliza os recursos materiais e o político monopoliza os princípios. A hierarquia econômica, política e cultural transformou-se na ditadura sobre os ingênuos e no suplício cotidiano das pessoas humildes. A autoridade do cargo e o monopólio legal sobre os aparatos converteram-se em prisão para as almas livres, soberanas e independentes

3. A sociedade civil apenas resiste, seduzida pelas instituições que negam suas potencialidades

A sociedade civil sofre os embates do egoísmo familiar, do lucro empresarial, do hegemonismo da classe política e dos valores da resignação e do oportunismo. Os poderes transnacionais se propuseram a privatizar o governo nacional, os partidos, as agremiações, os sindicatos, as cooperativas, as ONGs e as demais associações. A participação cidadã transformou-se em colaboração cidadã exercida por funcionários na folha de pagamento dos órgãos de consulta e de mediação. O discurso político transformou-se no verdadeiro ópio que os dirigentes, moralistas e apologistas do jargão pós-moderno utilizam para domar essa força de mil cabeças que a todos explora e humilha. Quanto mais escrevemos, mais existem analfabetos que não nos lêem.

4. O mercado, o capital e o desenvolvimento debilitam as pessoas, as nações e a natureza

No reino do mercado, a religião, a ética, a política, a economia e as relações sociais em geral são reguladas pela mão invisível do capital. Na sociedade capitalista, desenvolvimento é crescimento, crescimento é acumulação, acumulação é concentração, concentração é exclusão. Portanto, o desenvolvimento realmente existente, entendido como crescimento, enriquecimento, empobrecimento e depredação reina sobre a resignação dos condenados e o deserto da natureza.

5. A privatização do Estado e da Nação

A privatização do Estado e de todas as suas instituições, assim como a privatização da Nação e de todas as suas organizações, é o resultado do culto à globalização. A mercantilização de todos os serviços e de todas as responsabilidades está acompanhada pela maior investida colonial das empresas transnacionais. A classe político-empresarial, com a benção do clero católico mais reacionário, rompeu o pacto social original, constitutivo do Estado, transformando a administração em um aparato repressivo a serviço do mais forte, do mais rico e do mais hábil.

6. Os trabalhadores continuam produzindo a riqueza, enquanto a classe especulativa organiza o saque e reproduz a pobreza

Neste momento, os trabalhadores, os camponeses, as mulheres e os pobres geram e reproduzem os exce-

dentes que outros consomem. Mais de 90% da riqueza atual são produto de todo o trabalho acumulado pela humanidade ao longo da história. A civilização do trabalho converteu-se em uma fraude para iludir os trabalhadores e enriquecer os exploradores.

7. A escassez de valores de uso e a abundância de mercadorias

Não há dúvida de que não só de pão vive o homem, mas sem pão se morre. Levamos quinhentos anos produzindo mercadorias para a metrópole e cada vez produzimos menos alimentos para nós. A mercadoria enriquece um pedacinho do mundo, mas empobrece a maior parte restante. Quanto mais produção de mercadorias, maior a exploração. Quanto mais cresce a economia, mais fome a nossa população sofre e mais os nossos filhos se desnutrem.

8. A desvalorização de nossos valores espirituais

Os valores se desvalorizam e se transformam no discurso da farsa que tudo permite, comprando-os e vendendo-os ao preço do dia. Os mandamentos foram aprendidos para compensar seu não-cumprimento e o discurso sobre os valores converteu-se em instrumento para legitimar o desprezo pelo outro. A repetição dos dogmas alimenta as crenças e agora somos mutantes que pensamos sem sentir, agimos sem pensar e vivemos sem sermos afetados pelo que se passa à nossa volta. Todas as referências axiológicas⁸ morreram, só resta incólume⁹ o fetichismo e o consumismo que nos embeleza e que droga a nossa classe média.

9. Um governo policial e tributário

Do governo só resta a polícia para proteger os bancos e cobrar os impostos. As instituições públicas tornaram-se independentes da sociedade e os funcionários transformaram-se em parasitas, que enriquecem às custas do saque tributário. A vida pública continua emaranhada e manipulada pelos fios do voto sem sentido em que cada geração repete a divisão eleitoral de seus antepassados, em meio a um bloco a fantasia onde a maquiagem dos candidatos substitui o conteúdo dos programas.

10. Só restam as fábricas-nações endividadas

Primeiro separaram o homem da mulher, o bem do mal, a história da geografia, para melhor nos subordinar; depois nos dividiram em classes e nações para melhor nos explorar e governar. Agora as nações converteram-se em propriedades ou fábricas onde o capital da metrópole extrai grande parte da mais-valia mundial gerada pelas populações proletarizadas da periferia globalizada. Quinhentos anos exportando ouro, "cultivando" a sobremesa que a metrópole necessitava (café, açúcar, rum, banana e cacau) e entregando, como tributo à civilização que nos convoca através dos programas da televisão colonial, cotas periódicas em troca de interesses financeiros e ganhos comerciais.

8 - axiológicas: relativo aos estudos dos valores.

9 - incólume: livre do perigo; são e salvo.

Agenda para viver de outra maneira



O direito de viver de outra maneira é o principal direito humano; seu ponto de partida é o bem-estar e a felicidade e seu único indicador, ao mesmo tempo subjetivo e objetivo, é o grau de generalidade no qual o bem-estar e a felicidade reinem em cada comunidade.

1. Erradicar as relações de domínio, subordinação, culpa e agressividade, tanto no pensar quanto no sentir e no agir

- a) Impedir toda relação possessiva no seio da família, as relações de casal ou as relações de amizade. Sejam fiéis ao sentimento e não ao pensamento do outro;
- b) Substituir sentimentos de culpa e agressividade

por sentimentos de respeito e camaradagem. Se não aprendemos a chorar sozinhos, aprendamos a chorar em grupo;

c) Pensar, sentir e agir de forma alegre e conseqüente, em um mundo onde as obras coletivas sejam gratificantes para os indivíduos.

2. Desprezar, questionar e erradicar todo monopólio, democratizando ao mesmo tempo todas as relações

a) Discutir e aprender a conjugar nossos interesses com os interesses gerais;

b) Discutir, exercitar e incorporar os princípios democráticos no seio de nossas famílias e organizações;

c) Sensibilizar-nos e motivar-nos todos os dias pela liberdade, justiça e bem-estar do maior número de pessoas, onde os jovens participem da discussão sobre o uso e distribuição do tempo e da riqueza de nossa sociedade.

3. Disputar a hegemonia do sistema dominante através da defesa e da gestão comunitária dos direitos humanos

a) É nossa responsabilidade liberar-nos do medo e defender de forma crítica e permanente os direitos humanos (civis, políticos, econômicos, sociais e culturais) contra os abusos do governo e do sistema que ele representa;

b) É nossa responsabilidade disputar espaços e influenciar a opinião das pessoas, dos centros escolares até os meios de comunicação e a opinião públi-

ca em geral divulgando valores de cooperação e solidariedade entre nós;

c) É nossa responsabilidade fomentar a associatividade política, econômica e cultural em torno da necessidade das pessoas e não da necessidade do capital, do dinheiro e dos aparatos institucionais.

4. Substituir o Modelo Capitalista de Desenvolvimento por um Modelo Associativo de Bem-Estar, através da regulamentação democrática do mercado

a) Estabelecer normas a partir do Legislativo e discutir, nos centros de educação, políticas em favor do bem-estar individual e social: acesso geral aos alimentos, serviços básicos (água, luz, saúde, educação, moradia, transporte e vias públicas), atividades culturais e recreativas;

b) Estabelecer normas a partir do Legislativo e discutir, nos centros de educação, políticas em favor da produção direta e da economia local e nacional;

c) Estabelecer normas a partir do Legislativo e discutir, nos centros de educação, políticas em favor da democracia econômica (políticas fiscais, alfandegárias, financeiras e orçamentárias) e da economia popular, associativa e de autogestão.

5. Descentralizar a gestão dos recursos e eliminar os aparatos burocráticos

a) Tributação progressiva (taxa maior para os mais ricos) e maior alocação de recursos para os municípios mais pobres;

b) Regular a participação organizada das comunidades na discussão e programação orçamentária das prefeituras;

c) Articular as funções e atividades das prefeituras com o trabalho das associações locais, estimulando, em todas as oportunidades, a formação de grupos associativos.

6. Organizar o empoderamento econômico dos trabalhadores, das cooperativas e das identidades sociais em geral

a) Implementar uma reforma agrária com as melhores terras do país e organizar a aplicação da legislação agroecológica e ambiental existente;

b) Fomentar uma cultura cooperativa a favor dos camponeses e dos trabalhadores urbanos autônomo;

c) Institucionalizar a organização gremial dos produtores, as cooperativas, o movimento sindical e as empresas associativas e de autogestão em geral, onde toda empresa e todo centro sejam regulados por seus trabalhadores.

7. Priorizar a segurança alimentar e estimular o mercado interno

a) Priorizar a produção alimentar no campo para o autoconsumo familiar e o auto-abastecimento nacional;

b) Diversificar a agricultura e fomentar a agroindústria alimentar;

c) Substituir importações e estabelecer equilíbrios macroeconômicos que priorizem o mercado interno

em detrimento dos interesses transnacionais.

8. Construir uma cultura onde cada um(a) sofra com a dor do outro e se regozije com a felicidade alheia

a) Exercitemos a crítica contra o patriarcado, o capitalismo, o mercado, os aparatos burocráticos, começando com a nossa própria autocrítica;

b) Levemos a democracia política, econômica e cultural até suas últimas conseqüências, transformando todas as nossas relações;

c) Desmascaremos a cultura do progresso e a civilização do poder colocando à prova nossos sentimentos com as pessoas mais próximas com as quais convivemos.

9. Ter acesso ao governo através de um programa sustentado por uma maioria política, ou por uma coalizão que governe com base na hegemonia e não com base na força ou na manipulação

a) Formar e consolidar uma clientela ideológica que lute por um programa e uma vida alternativa, antes, durante e depois de qualquer processo eleitoral aprendendo a governar a partir de baixo;

b) Aproveitar qualquer atividade política para progredir na educação de uma civilização emancipada de todos os aparatos e de todos os tiranos;

c) Criar uma estratégia de alianças ou um governo de coalizão voltado para a defesa dos interesses nacionais e populares.

10. Progredir na integração setorial, regional e federativa

a) Defender e promover a autonomia e as relações horizontais entre homens e mulheres, etnias e identidades culturais, nações e regiões;

b) Estabelecer acordos de integração entre as forças sociais da região, fomentar mercados internos locais, nacionais e regionais, empreender obras comuns de caráter setorial e regional;

c) Construir uma Federação Centro-Americana, a Comunidade Latino-Americana e a Nova Ordem Econômica Internacional com o objetivo de recuperar os excedentes que o mercado mundial tira de nós através do comércio e do crédito.

Provocar a discussão desta agenda sem medo nem obrigação. Isto viria a compensar os esforços e enriquecer os momentos agradáveis de sua elaboração: nas escolas, colégios, universidades, bares e centros recreativos, festas públicas e privadas, casas de família, centros de trabalho, organizações comunitárias, políticas, sindicais, gremiais, religiosas, artísticas e culturais. Produzir assembléias para promover agendas semelhantes constituiria em si um exercício para começar a viver de outra maneira.

